

**Bóias-frias de volta ao trabalho**

*O acordo com os empresários foi firmado ontem na presença de Pazzianotto. Mas os trabalhadores dizem que a greve acabou por causa da repressão policial e pode ressurgir dentro de meses.*

O acordo entre usineiros, fornecedores e cortadores de cana foi assinado ontem na Delegacia Regional do Trabalho, acabando com a greve iniciada há uma semana. É uma vitória para o ministro Almir Pazzianotto, do Trabalho, para quem a convenção coletiva atende às reivindicações dos trabalhadores e elimina ressentimentos. Mas os representantes dos bóias-frias avisam que o acordo não pôde superar as divergências verificadas neste longo período de negociações e que a greve foi suspensa em consequência da violenta repressão policial. E não descartaram a possibilidade de um novo movimento ser iniciado nos próximos meses, principalmente se o compromisso não for cumprido.

Pazzianotto nem quis comentar a ação policial, alegando que, em seu entendimento, "policiais nada têm a ver com greves" e recomendando à imprensa que procurasse o secretário da Segurança, Michel Temer, para esclarecer eventuais excessos. O ministro preferiu salientar que a convenção coletiva assinada ontem — que será estendida a todo o Estado — contribuiu para consolidar a Nova República, para equacionar e resolver problemas históricos enfrentados pelo trabalhador volante.

A convenção assinada ontem não resolve os impasses enfrentados durante quase dois meses de negociação, apesar de o ministro considerar que a principal reivindicação — a mudança do sistema de controle da produção de tonelagem para metro linear — foi atendida. O acordo engloba a proposta da federação da Agricultura do Estado de São Paulo (Faesp) para resolver este problema, com recolhimento de amostras de um talhão de cana, pesagem da carga do caminhão e fixação de uma tabela de convenção diária de tonelagem para metros lineares. Os usineiros ficam obrigados a fornecer, diariamente, o comprovante de produção, contendo a quantidade de cana cortada e o correspondente valor em dinheiro. O trabalho de fiscalização da pesagem será feito sem nenhum ônus para o empregador, ao contrário de que propunha o presidente do TRT, sexta-feira.

Pela convenção coletiva, foi estabelecida uma diária mínima de Cr\$ 18 mil para as usinas de açúcar e destilarias de álcool, e Cr\$ 16,825 para os pequenos e médios fornecedores. A tonelagem de cana de 18 meses ficou em Cr\$ 5.200, enquanto pelos demais tipos serão pagos Cr\$ 4.960 a tonelada. Na proposta de conciliação do TRT — rejeitada por empregados e empregadores —, as diárias ficariam em Cr\$ 19 mil para usinas e destilarias, Cr\$ 17.200 para pequenos e médios fornecedores, enquanto a tonelada de cana de 18 meses custaria Cr\$ 5.341 e os outros tipos, Cr\$ 5.091. O acordo estabeleceu, ainda, uma antecipação de 50% do INPC do trimestre, a partir de 1º de agosto, para os trabalhadores em usinas e destilarias, e a fixação de uma multa de 10% do salário referência, por infração e empregado, no caso de violação de qualquer cláusula. O ministro propôs a formação de uma comissão tripartite — com representação dos bóias-frias, empregadores e o Ministério do Trabalho — para fiscalizar a aplicação da convenção.

**Decepção**

Embora reconheça que a proposta de conciliação do TRT, em termos de pagamento, era melhor que a aceita ontem, Vitor Jorge Fanta, diretor da Federação dos Trabalhadores na Agricultura do Estado de São Paulo (Fetaesp), disse que não havia garantias de que ela seria a

adotada no julgamento do dissídio coletivo. Este fator — agravado pela repressão violenta aos trabalhadores em greve — levou os representantes dos bóias-frias a aceitar os termos do acordo. Faíta:

—Agora precisamos realizar um amplo trabalho de fiscalização para que este acordo seja cumprido. Diante da situação, com trabalhadores sendo reprimidos com tanta violência, diante do medo e desespero que vimos, optamos pelo acordo. O clima é de decepção e revolta, pois ninguém esperava tanta violência por parte dos governantes da Nova República e não sei como as coisas ficarão daqui para diante. Não havia como manter a greve, mesmo diante da insensibilidade da classe patronal. Vamos aguardar para ver como o acordo será cumprido e, assim, também teremos tempo para tomar fôlego.

O presidente da Faesp, Fábio Meirelles, classificou o acordo de um "extraordinário avanço", afirmando que "é preciso que os trabalhadores confiem em suas lideranças e não se deixem influenciar por pessoas infiltradas nestes movimentos e que pregam a violência". Para Meirelles, a atuação da polícia foi no sentido, apenas, "de garantir os interesses de quem queria trabalhar".

O grande ganhador no acordo acabou sendo o ministro Almir Pazzianotto, que enfatizou não ser "através de uma ação autoritária, de um decreto, que se eliminam descontentamentos e ressentimentos". Quanto às críticas que tem recebido por sua atuação, como as de Roberto Gusmão, ministro da Indústria e do Comércio, Pazzianotto disse não ter nada para provar, "pois estou agindo como um homem civilizado, que deve por em prática, constantemente, o diálogo, levando em consideração que empregados e empregadores são parceiros no mesmo empreendimento". A tese da negociação é uma tese vitoriosa.

Os 70 mil cortadores de cana que estavam em greve voltaram ontem ao trabalho, normalizando a produção das usinas de açúcar e destilarias de álcool de Ribeirão Preto, a maior produtora do País. A decisão foi tomada domingo em assembleias realizadas em diversas cidades, apesar de os trabalhadores não terem conseguido nenhuma conquista nos itens econômicos da pauta de 29 reivindicações.

As reuniões mais demoradas foram em Serrana e em Pontal, num raio de 40 quilômetros de Ribeirão, onde os bóias-frias relutavam em retomar aos canaviais sem o atendimento de suas reivindicações salariais.

Os 1.100 bóias-frias cortadores de cana da Usina Ipiranga, em São Carlos, são os únicos trabalhadores rurais do Estado em greve. Eles paralisaram suas atividades quinta-feira, reivindicando diária de Cr\$ 37.500 e o estabelecimento de um novo sistema para o corte: querem receber por metro cortado, e não por tonelada. Os bóias-frias da Usina Ipiranga — que ganham Cr\$ 12.400 de diária e Cr\$ 5.050 por tonelada de cana cortada — exigem o pagamento de Cr\$ 60 por metro quadrado.

### **Apanhadores de laranja**

A greve de bóias-frias apanhadores de laranja continua, atingindo hoje o seu nono dia. Os sindicatos informam que 15 mil estão parados — em Bebedouro (oito mil), Monte Azul Paulista (três mil), Viradouro (dois mil) e Terra Roxa (dois mil) —, reclamando aumento de remuneração. Ontem, quase não houve piquetes e também não se registraram incidentes.

Na reunião realizada ontem na Delegacia Regional do Trabalho, a Associação Brasileira dos Produtores de Sucos Cítricos (Abrassucos) e a Fetaesp conseguiram algum avanço nas negociações e o acordo pode ser fechado amanhã. A Abrassucos ofereceu um reajuste de 100% do INPC, mais 7,5% de produtividade, elevando o preço da caixa colhida de Cr\$ 246 para Cr\$ 500, e prometeu estudar a possibilidade de uma antecipação.

O delegado interino do Trabalho em São Paulo, Walcídio de Castro Oliveira, que presidiu à reunião, mostrou-se bastante otimista quanto à probabilidade de o acordo ser fechado amanhã, às 15 horas, quando haverá novo encontro.